

# PSICANÁLISE INTEGRAL: AS DIMENSÕES DA PERSONALIDADE HUMANA

Luciano da Fonseca Lins\*

## RESUMO

A Psicanálise Integral é um sistema de conhecimento que procura resgatar a unidade de vários estudiosos do inconsciente humano, como também focalizar a consciência como ponto nuclear para ser despertado. Além do mais, procura investigar o domínio do espiritual, percebido como o infinito da consciência, traduzida pelas comunidades esotéricas e os grandes mestres, como experiência mística. Para que seja compreendida essa ordem formulada no âmbito da Psicanálise Integral, desenvolvemos a ideia da estrutura Trina da personalidade humana, definindo-a como Dimensão Histórica, Mítica e Mística. A Dimensão Histórica tem base nos fundamentos do ego, que envolve a causalidade, o tempo e o espaço, e todo processo de identificação genética, social e cultural. A Dimensão Mítica está diretamente vinculada ao inconsciente colectivo e a essência da alma humana, manifestada através de contos, narrativas míticas, rituais e sonhos. O tempo e o espaço não estão vinculados à causalidade, e sim a sincronicidade, conceito desenvolvido por Carl Gustav Jung. A Dimensão Mística diz respeito à transcendência do tempo, do espaço e da causalidade, indo até ao inefável. Consideramos estas formulações como algo recalcado pela Psicanálise Ortodoxa, mas actualmente em resgate. O método proposto pelo paradigma da Psicanálise Integral também, mas não só, pode fundar-se na palavra plena, que é o despertar para a pura percepção, a partir do que se fala como fórmulas de um Koan, que são estratégias empregadas no Zen Budista para transmutar a razão. Todavia, torna-se necessário que o psicanalista reveja a sua forma de ver o mundo, o caos e o cosmo. Nesse contexto, a psicanálise passará mesmo a exercer a função de autoconhecimento.

## PALAVRAS-CHAVE

Psicanálise integral; dimensão mítica; inconsciente colectivo; rituais e sonhos; Carl Gustav Jung; sincronicidade; Koan; Budismo Zen; autoconhecimento.

---

\* Psicólogo e Doutor em Ciências da Educação pela Universidade do Porto; Professor adjunto da Universidade de Pernambuco-UPE

**ABSTRACT**

The integral psychoanalysis is a system of knowledge which tries to recover the unity of several writers about the human unconscious and also focus on the consciousness as a nuclear point to be arisen. Besides, it tries to investigate the spiritual field, which is perceived as the infinite of the consciousness, translated by the esoteric communities and the great masters, as a mystic experience. For a better understanding of this order formulated in the scope of the integral psychoanalysis, the idea of the Trina structure of the human personality was developed, defining it in three dimensions: historical, mythic, and mystic. The historical dimension has its base on the ego grounds, which involves causality, time and space and all the process of genetic, social and cultural identification. The mythic dimension is directly linked to the collective unconscious and to the essence of the human soul, expressed by stories, mythic narratives, rituals and dreams. The time and space are not linked to causality but to synchronicity, a concept developed by Carl Gustav Jung. The mystic dimension is related to time, space and causality transcendence, and it goes until the unsaidable. These formulations are considered as something denied by the Orthodox Psychoanalysis, but nowadays are being rescued. The method proposed by the paradigm of the integral psychoanalysis can be found itself, but not only, in the full word, which is the fact of waking up to the pure perception, from what is said like formulas of a Koan, which are strategies used in the Zen Buddhism to transform the reason. However, it is necessary that the psychoanalyst revise his way of seeing the world, the chaos and the cosmos. In this context, the psychoanalysis will really practice its function of self-knowledge.

**KEYWORDS**

Integral Psychoanalysis; mythical dimension; collective unconscious; rituals and dreams; Carl Gustav Jung; synchronicity; Koan; Zen Buddhism; self-knowledge.

## INTRODUÇÃO

A Psicanálise já não é a mesma desde os tempos em que o seu fundador Sigmund Freud apresentou esse sistema de conhecimento e método terapêutico. A Sexualidade Infantil, o Complexo de Édipo e o Inconsciente do Desejo Recalcado eram as pedras angulares do paradigma psicanalítico.

Embora Alfred Adller, Wilhelm Reich, Sandor Ferenze, Otto Rank, Erich Fromm e, principalmente C.G. Jung, tenham ampliado a definição sobre o inconsciente e a Psicanálise, todos foram banidos da “doutrina” e fundaram a sua própria Escola de pensamento e dos métodos utilizados. Assim, a Psicanálise distinguiu-se cada vez mais pela sua qualidade de compreensão da personalidade humana, bem como sua capacidade de produzir transformações na alma.

Actualmente, o foco da pesquisa académica é a consciência e os seus níveis de realidade. O que é a consciência e o que ela produz no acto da observação. São as indagações efectuadas pela Mecânica Quântica, Psicologia Transpessoal, filosofia, alguns biólogos e neurobiólogos.

A Psicanálise Integral é um movimento que teve início em 2002 com a tese de doutorado de Luciano Lins<sup>20</sup>, pela qual se procurou estudar o papel dos mitos como nutridor da alma e de que maneira a educação poderia inibir ou ajudar no processo de realização do Ser. O autor definiu também a personalidade em termos das Dimensões: Histórica, Mítica e Mística, que já ampliava o conceito de personalidade e acrescentava a Dimensão espiritual como uma parte importante do desenvolvimento e amadurecimento da personalidade.

Os complexos estudados pela Psicanálise tradicional foram ficando para trás e a definição do Ser Integral e dos seus planos existenciais da Consciência tornaram-se o ponto principal de investigação, ao mesmo tempo que as formações inconscientes e os métodos terapêuticos foram tomando forma como técnicas para se atingir o autoconhecimento e desenvolver plenamente os potenciais da humanidade.

---

<sup>20</sup> Lins, Luciano da Fonseca. O Mito do Significado no Contexto da Religiosidade numa narrativa Autobiográfica: Reflexões para uma Pedagogia da Indivíduoação. Olinda: Livrorápido. 2006.

## O SER INTEGRAL

O primeiro ponto de fundamental importância é definir a Psicanálise Integral como um sistema de conhecimento que procura estudar e investigar a personalidade humana da forma mais abrangente possível, como um todo integrado e holístico. O segundo ponto é promover métodos terapêuticos que possam auxiliar para o despertar da Consciência e o desenvolvimento da capacidade plena do Ser. O que inclui conhecimento da personalidade como um todo e as suas conexões, o que levaria a transformação radical não somente no indivíduo, mas também no campo social e na educação.

Outro ponto importante é resgatar o sentido do campo espiritual, recalçado por Sigmund Freud e os seus seguidores. A espiritualidade refere-se a um conjunto de manifestações da experiência humana sobre o transcendente e o infinito, cujas expressões aparecem sob formas de experiências, rituais simbólicos e narrativas míticas. O desenvolvimento da personalidade e do potencial humano, além de passar pela organização do ego, caminha pela equilíbrio social e culmina com a espiritualidade. Para compreender melhor esse aspecto vamos delinear a dimensão trina da personalidade humana, que corresponde a Dimensão Histórica, Mítica e Mística.

A Dimensão Histórica corresponde a todos os processos que estão dinamizados pelo sistema identificatório. Vão desde a matriz neurobiológica, correspondente ao nosso lado mais primitivo do cérebro e que comporta todo o aparato instintivo, envolvendo inclusive as imagens de nossa ancestralidade, até às formações culturais e sociais reproduzidas pela família e demais instituições. Na Dimensão Histórica estão delineados os sentidos de identidade do Eu, as emoções primárias e toda gama de acção reflexa. Neste nível situam-se também situações que Damásio (2002) denominou de Eu autobiográfico e corresponde ao acúmulo de experiências vividas pelo sujeito durante toda a sua trajetória existencial. Também se inclui nesta perspectiva a consciência nuclear estudada pelo mesmo autor à luz da neurobiologia e que retomaremos noutra oportunidade.

De um modo geral, a Dimensão histórica é instância da causalidade, das leis regidas pelo tempo e espaço e o universo das formas. Num

sentido mais amplo, é plano das manifestações, que inclui não somente a concretude e os fenómenos directamente observáveis, mas também o nível etéreo, simbolizado pela matéria radiante.

A Dimensão Mítica, na verdade, corresponde aos símbolos que dão sentido e significado a existência humana. A linguagem deixa de ser meramente um conjunto de signos para se situar entre o conhecido e o inefável, estando, pois, grávido de sentido e fornecendo a base de significações e certo equilíbrio para a estrutura psíquica.

O mitólogo Joseph Campbell descreve do seguinte modo a importância da dimensão mítica da psique:

A vida de uma mitologia vem da vitalidade de seus símbolos como metáforas transmissoras não apenas de ideia, mas de um senso de participação real nessa realização de transcendência, infinidade e abundância, de que nos falam os autores upanixádicos. Na verdade, o primeiro e mais essencial serviço de uma mitologia é este, o de abrir a mente e o coração à maravilha total de todo ser. E o segundo serviço é cosmológico: representar o universo e todo o espectáculo da natureza, tanto como conhecer a mente como vê o olho como uma epifania. De tal modo que quando o relâmpago lampeja ou o sol poente inflama o céu, ou se vê um gano de pé, alerta a exclamação “Ah” possa ser pronunciada como um reconhecimento da divindade.

(Campbell. 1991:09).

A dimensão mítica é movida pelo senso de busca de significados que expressam a finalidade da existência humana. Sartre, Jung, Campbell, escreveram e investigaram profundamente sobre esta questão. Um significado pode ser conotado desde um sistema de crenças, que tem como base a memória cultural, até ao ponto da verdade vislumbrada pelo sujeito em conformidade com os seus arquétipos interiores. Nesta perspectiva, as narrativas míticas desempenham um importante papel na forma de espelhar e mesmo despertar a alma humana. Num nível mais profundo da busca do significado, o mapa psíquico delineado por outros buscantes, pode facilitar o mergulho na alma e conseqüentemente o sentido existencial que ela poderá proporcionar ao buscante. Num outro nível ainda mais profundo, o conhecedor

enxerga-se a si próprio, e outros significados surgirão. Este é o reino do autoconhecimento, ponte para a próxima dimensão da alma.

A Dimensão Mística, como o próprio nome indica, faz aceder a alma ao incognoscível. A palavra mística vem de *mistério*. Leonardo Boff define, assim, a perspectiva do termo místico:

Originalmente, a palavra mistério (*mysterion* em grego, que provém de *múein*, quer dizer perceber o caráter escondido, não comunicado de uma realidade ou de uma intenção). Não possui um conteúdo teórico, mas está ligada a experiência religiosa, nos ritos de iniciação. A pessoa é levada a experimentar por meio de celebrações, cânticos, danças dramatizações e realizações de gestos rituais, uma revelação ou iluminação conservada por um grupo determinado e fechado.

*Mistério não equivale a enigma que, quando decifrado desaparece. Mistério designa a dimensão de profundidade que se inscreve em cada pessoa, em cada ser e na totalidade da realidade e que possui um carácter definitivamente indecifrável. Aquilo que chamamos de realidade apresenta-se incomensuravelmente maior que a nossa razão e nossa vontade de dominar pelo conhecimento. A pessoa humana, a fortiori, é mais do que sistemas de compreensão ou formas de convívio social.*

(Boff. 1994, 12-13).

Ora, neste contexto, a dimensão do mistério equivale ao encontro com a profundidade do Ser, que está para além da compreensão, da teoria e dos valores estabelecidos, sejam por esta ou aquela doutrina. Neste ponto, o autoconhecimento torna-se o instrumento principal deste encontro, pois para o sujeito se abrir para que as formações místicas da personalidade entrem em cena, torna-se necessário despojar-se de toda a variedade de conhecimento, que nada mais é de que acúmulo de experiências e identificações.

Muitos estudiosos têm definido este tipo de encontro como sendo do domínio da espiritualidade humana. É desta forma que se exprime o organizador de “O mais elevado Estado de Consciência”:

Existe um paradoxo na jornada espiritual qual seja: o propósito da nossa jornada. A resposta que buscamos nada mais é do que aquilo

que já somos em essência\_ se, a totalidade máxima que é a fonte do vir-a-ser. A iluminação é a revelação da verdade do ser, tradicionalmente chamado de Deus, Ser Cósmico, Ente Supremo, o Um-em-Tudo (aliás, alguns mestres iluminados\_ Buda foi um deles\_ preferem evitar termos teístas a fim de se comunicar melhor. Seu intento é evitar o profundo condicionamento cultural contido nessa linguagem, que impede a compreensão). Somos manifestações do Ser, mas à semelhança do próprio cosmos, e estamos também no processo de vir-a-ser\_ sempre acrescentando, mudando, desenvolvendo-nos e evoluindo para estados mais e mais elevados que expressam eterna e bela perfeição da origem da existência. Assim, não somos apenas seres humanos; somos também seres humanos em transformação. A iluminação consiste em compreender o perfeito equilíbrio entre o ser e o vir-a-ser

(White. 1998:15).

A Dimensão Mística está inserida, então, numa dupla vertente: num primeiro momento, é de facilitar o acesso do indivíduo à sua própria essência, que lhe é constitutiva da verdade do sujeito e que está para além dos condicionamentos. O segundo momento é que, a partir do autoconhecimento, é possível aceder à profundidade do Ser e da Realidade Fundamental, que estão para além das palavras e do conhecimento. Este é o território das experiências denominadas de religiosas e transcendentais, na medida em que o reino do simbolismo possibilita ritualizar esta passagem. Estamos num terreno que está além da ciência, da religião e de qualquer outra forma de conhecimento. É a pura experiência.

Na Dimensão Mística estão contidos os níveis quânticos e, propriamente, o Incognoscível ou a Realidade Absoluta. Enquanto que, no mundo dos *quanta*, a consciência cria a realidade, partindo da percepção e dos conteúdos que estão presentes no inconsciente (os arquétipos), o incognoscível é o próprio inconsciente, enquanto vazio pleno, ainda não impregnado por qualquer ordem, conteúdo ou forma. Estamos aqui quase que completamente fora do âmbito actual da ciência, apenas contemplados por alguns sábios cientistas ou místicos.

## DESENVOLVIMENTO DA PERSONALIDADE TOTAL

No que diz respeito à estrutura dimensional da personalidade, apresentamos acima o modelo ternário ou vertical da consciência humana. Do ponto de vista da dinâmica da personalidade ou da relação com as etapas do desenvolvimento, vamos tomar de empréstimo, boa parte da teoria de Carol Pearson, terapeuta junguiana, que escreveu sobre o desenvolvimento arquetípico da personalidade na sua obra intitulada “O Despertar do Herói Interior”, um retrato da jornada da alma através dos doze arquétipos: Inocente, Órfão, Guerreiro, Caridoso, Explorador, Destruidor, Amante, Criador, Governante, Mago, Sábio e Bobo. Para fins de nosso trabalho vamos apenas inverter determinados arquétipos e acrescentar o Arquétipo do Redentor, como sendo a ponte, não somente para a maturidade, como também o caminho que conduz ao universo espiritual. Vamos também dar uma outra dinâmica ou roupagem na conotação dos arquétipos mencionados.

Embora “classifiquemos” os arquétipos numa linha do desenvolvimento da personalidade em termos de infância, adolescência, jovem adulto e maturidade, todavia enfatizamos que não se trata de uma perspectiva linear. Ou seja, o infantil poderá estar presente durante a vida inteira de um indivíduo e mesmo que este, de vez em quando, seja tocado pelos arquétipos da maturidade, o sujeito poderá predominantemente continuar infantilizado. De igual modo, um adolescente poderá desenvolver muito cedo os arquétipos da maturidade. Tudo é uma questão de conquista e escolha. Ninguém é obrigado a conquistar a sua plenitude, embora se pague um preço muito alto por permanecer infantil e dependente.

Os arquétipos (padrões universais da alma, que normalmente se expressam nos mitos, sonhos, contos de fadas, simbolismo) do Inocente e do Órfão, representam a infância; o Explorador e os Amantes formam a base da adolescência do jovem adulto. O herói Guerreiro é o Ego, que, em conexão com o Inocente, Órfão, os Amantes e o Explorador fundamentam o que conhecemos como personalidade. O Destruidor e o Caridoso formam o caminho para a maturidade. Esse caminho é reforçado pelo Governante, que compõe o Redentor, núcleo da personalidade total. O Mago, o Sábio e o Puro de coração

participam da Centelha divina que existe em qualquer ser humano em potencial, e que pode ser despertado inicialmente pela vontade do adepto e posteriormente por métodos iniciáticos.

## **INOCENTE/ ÓRFÃO: PARAÍSO E QUEDA**

O Mito do Paraíso

Houve um tempo em que o prado, o bosque e o ribeiro,

A terra, e todas as visões comuns,

A mim me pareciam

Vestidas de luz celeste,

Da glória e do frescor de um sonho.

Agora já não é como outrora; \_\_\_

Para onde quer que eu volte,

De noite ou de dia,

As coisas que via antes já não vejo agora...

O amor-perfeito aos meus pés

Repete a mesma história:

Para onde fugiu o brilho visionário?

Onde estão, agora, a glória e o sonho?

Nosso nascimento é apenas um sonho e um olvido;

A alma que nasce conosco, a Estrela da nossa vida,

Teve alhures seu acaso,

E vem de longe:

Não do pleno esquecimento,

Nem da completa nudez,

Mas, nuvens roçagantes de glória viemos.

De Deus, que é nosso lar...

Que alegria! Que em nossas brasas

Haja alguma coisa que vive,

Que a natureza ainda se lembre

Do que era tão fugitivo! ...

Por isso numa estação de tempo calmoso,

Embora estivéssemos longe, terra adentro,

Nossas almas contemplaram o mar imortal

Que nos trouxe para cá,  
Que pode, num momento, viajar para lá  
E ver as crianças brincando na praia,  
E ouvir as águas poderosas rolando para sempre...  
Graças ao coração humano pelo qual vivemos,  
Graças à sua ternura, alegrias e medos,  
Para mim, a menor das flores que floresce pode dar  
Pensamentos que jazem amiúde profundos demais para lágrimas.

(Poema de John Milton)<sup>21</sup>

O mito do Jardim do Éden símbolo a nossa infância. Jardim do Éden significa “Jardim das Delícias” e, imediatamente, nos remete para o universo do prazer, da idade de ouro, da falta de preocupação com a vida e o que ela nos oferece, uma vez que são os pais que nutrem, dão protecção, afecto e segurança aos filhos. Neste ponto, a simbologia do mito do Inocente/Órfão é representada pela mãe natureza. Tudo é ofertado pela deusa, cuja representação no mundo das manifestações se encontra vinculada aos pais nutridores. O mito do jardim do Éden traz à tona o mundo do Paraíso, onde toda fantasia e toda criatividade são possíveis. No entanto, há o momento da expulsão desse mesmo Paraíso, simbolizado pelo arquétipo do Órfão: a desobediência. Ter tudo no Paraíso tem um preço, que é a obediência e servidão total a Deus (aos pais). Para haver crescimento tem que haver autonomia, que se inicia no processo da queda do Paraíso ou desobediência aos pais. A culpa é um fenómeno que pode vir acompanhado pela rebeldia. Na cultura judaico-cristã a culpa é bastante reforçada. No entanto, torna-se necessário que se repense a desobediência como um aspecto do crescimento humano. Deus não haveria de proibir do fruto do conhecimento, se não soubesse exactamente o que iria acontecer. Neste ponto, ou vivemos na eterna orfandade ou então vamos ter que crescer e amadurecer.

---

<sup>21</sup> HEINBERG. 1991 Memórias e Visões do Paraíso.

## OS AMANTES E O EXPLORADOR: ADOLESCER É FLORESCER

“Beija-me com os beijos de tua boca; porque melhor é o teu beijo do que o vinho. Suave é o aroma dos teus unguentos, como unguento derramado é o teu nome; Por isso as donzelas te amam. Levanta-me após ti, apressemo-nos. O rei me introduziu nas suas recâmaras”.

(Cântico dos Cânticos. I-4).

A palavra adolescência significa florescer ou desabrochar. Florescer é o sentido da adolescência. A descoberta da paixão e a exploração da sexualidade, o cultivo da imagem estética revelam o perfil do arquétipo dos *Amantes*, que pode ser perfeitamente simbolizado pela deusa grega Vénus ou Afrodite para os romanos. Este estádio denota a impulsividade agressiva e sexual, ao mesmo tempo revela o universo de todos os impulsos e das necessidades. Não é por acaso que a paixão neste período se apresenta com todo o encantamento do imaginário sem a ponderação das consequências contextuais, sendo baseada na imagem projectada e pouco no verdadeiro conhecimento. Do outro lado, o arquétipo do *Explorador* trata de limitar os impulsos e, simultaneamente, ir possibilitando conhecer novas situações como aventureiro do mundo. Os adolescentes (concretos ou psíquicos) procuram se desidentificar do seu ambiente rotineiro para criar novos grupos, novos contactos, novas experiências. Na realidade existem várias formas do *Explorador*. Seja a de conhecer o mundo através dos estudos, da arte, das drogas, dos novos movimentos, da musicalidade e suas expressões, da comunicação utilizando gírias, que somente identificam o adolescente com determinado grupo, e assim por diante. Num nível mais aprofundado, o *Explorador* poderá ser um aspirante à religiosidade como ponte para o holo-conhecimento. Explorar significa buscar o novo, o desconhecido. Na adolescência, seja ela concreta ou como arquétipo contínuo da personalidade humana, a inovação geralmente pode ser percebida como uma forma de não estagnar a psique com os impulsos básicos e os condicionamentos que petrificam a alma. O explorador como aspirante da alma nos remete ao hino gnóstico da “*Canção da Pérola*”.

“Minha Veste de Glória, que com amor haviam feito para mim,  
 Eles agora a tiraram dos meus ombros, e também o manto púrpura  
 Que me servia com perfeição. E fizeram comigo um acordo  
 Que escreveram no meu coração, para que eu nunca esquecesse.  
 Dizia o seguinte: Se fores ao Egito e nos trouxeres a Pérola Única,  
 Que repousa no fundo do mar, guardada pela serpente tonitruante,  
 Então, quando voltares, vestirás novamente tua veste de glória  
 E teu manto real e junto com teu irmão, nosso vice-rei, serás  
 O herdeiro do nosso reino “.

(O Viajante do Paraíso: O Mito da Canção da Pérola)”.

## **O GOVERNANTE E O GUERREIRO: OS ARQUÉTIPOS DO EGO**

“Assim diz lahweh:  
 O povo que escapou à espada  
 Encontrou graça no deserto.  
 Israel caminha para o seu descanso.  
 De longe lahweh me apareceu:  
 Eu te amei com amor eterno,  
 Por isso conservei o amor para ti.  
 Eu te construirei de novo e serás reconstruída,  
 Virgem de Israel.  
 Com os teus tamborins,  
 Sairás em meio a danças alegres.  
 De novo plantarás vinhas  
 Sobre as montanhas da Samaria  
 (os plantadores plantarão e colherão).  
 Sim, virá o dia em os vigias gritarão  
 Sobre a montanha de montanha de Efraim:  
 “De pé! Subamos a Sião.  
 A lahweh nosso Deus”.  
 Porque assim diz lahweh:  
 Gritai de alegria por Jacob,  
 Aclamai a primeira das nações!  
 Fazei-vos escutar! Louvai! Proclamai:  
 “lahweh salvou o seu povo,  
 o resto de Israel”. Eis os trago

da terra do norte,  
 eu os reúno dos confins da terra,  
 entre eles há cego e o aleijado,  
 a mulher grávida e a que dá à luz,  
 todos juntos: é uma grande assembleia que volta!  
 Em lágrimas eles voltam,  
 Em súplicas eu os trago de volta.  
 Conduzi-los-ei às torrentes de água,  
 Por um caminho reto, em que não tropeçarão.  
 Porque eu sou um pai para Israel.  
 E Enframin é o meu primogênito” ( Jr. 31,2-9).

Ego é o complexo arquetípico que pode ser identificado como a sensação do Eu, junto com as necessidades de sobrevivência, território, afetividade. Na carta do Tarô, o governante e a imperatriz são os seus símbolos máximos, uma vez que é através do ego que temos a sensação de governar e controlar tanto o nosso mundo interno quanto o universo externo. Porém, o ego não governa sozinho. Tanto pode trabalhar com os impulsos (os Amantes) e o intelecto (o Explorador), quanto pode trabalhar em ressonância com a compaixão (o Caridoso) e o Destruidor Guerreiro. Vai depender do grau de consciência que o ego se encontra. Há pessoas que vivem razoavelmente bem, suprindo as suas necessidades básicas, enquanto outros indivíduos buscam cultivar os caminhos da Dimensão Histórica.

Existe em alguns sistemas ocultistas ou mesmo psicoterápicos que trabalham no sentido de dissolver o ego, pois este é percebido como o pior inimigo do Si-mesmo (núcleo da personalidade total). Mas, a verdade é que o ego é necessário e somente poderá haver ponte para a religiosidade se o ego está em harmonia com todo o organismo. O *Governante*, rei ou imperador não pode estar em desarmonia com o restante do reino (impulsos, afetividade, intelecto, segurança etc.). Somente nessas condições adversas o ego é considerado inimigo. Na verdade, até a interpretação do ego como inimigo é relativo, uma vez que vale neste nível a luta pela sobrevivência do reino.

Outro símbolo importante para o ego é a lua, pois esta traz um valor de fascínio e podemos ou não ser fisgado pela sua energia. O perigo é apenas a exacerbação. A lua por outro lado, embora transmita toda

uma beleza e mistério, se aprofundada pelo holoconhecimento mostra que é a luz do sol que está sendo reflectida. Ou seja, o brilho da lua é ilusório, mesmo nos dando toda impressão de realidade.

O arquétipo do Governante está presente desde cedo na vida do indivíduo. Na infância apresenta-se de forma egocêntrica. Na adolescência, a identificação do ego recai também para a necessidade de se identificar com grupos fora da família. No jovem adulto, as aventuras e exploração do mundo externo é a sua tônica principal. Porém, todo desenvolvimento serve para cobrir as necessidades internas (orgânicas) como externas (valores sociais, modalidades de comportamentos e integração social). No entanto, seja com as leis internas ou regras externas, esse é o universo do homem natural.

## **O GUERREIRO: COMPLEMENTAR DO EGO**

O Guerreiro é comumente denominado o arquétipo do herói. É o símbolo da coragem e resistência. Marte representa o deus da guerra, e não é por acaso que o ego luta bravamente para sobreviver. Tanto podemos tornar-nos essencialmente corajosos para amadurecer ou resistir de todas as maneiras às mudanças. Podemos defender o nosso território junto com nossa família ou podemos ampliar o território para o planeta inteiro. Foi assim que se comportou o político Gandhi. No íntimo, não era contra os ingleses contra os quais lutara pacificamente. Era a favor do direito de todos. Normalmente, a televisão e o cinema mostram o herói guerreiro, lutando para salvar o mundo; no entanto, se o mundo for somente dos interesses pessoais, o ego tende a sucumbir e a guerra torna-se entre o sujeito e o ambiente, impedindo-se que o aspecto sombra do guerreiro seja percebido pelo sujeito. Hitler, Nero, Bush, e tantos outros, representam o herói das sombras, posto que, suas visões foram unilaterais. O ego não está interessado na colectividade e na harmonia do planeta, mas apenas na submissão e exploração do outro. É a busca da dominação, e também da guerra sem fim, porque o ego nunca estará satisfeito com coisa alguma, e sua compulsão pelo poder é uma meta. Assim somos todos, quando estamos lidando com o inimigo externo e não conseguimos enxergar o guerreiro sombrio.

## O REDENTOR: O NÚCLEO DA PERSONALIDADE TOTAL

*“A semente de Deus está em nós... Ora, a semente de pêra transforma-se numa pereira, a semente de avelã numa aveleira, a semente de Deus em Deus”. (Mestre Eckhar)*

O Redentor é o arquétipo da alma, do núcleo total da personalidade, do Eu superior de outros sistemas, da verdadeira essência humana. No sistema cabalístico é denominado de Tiferet, que significa beleza, harmonia, simetria e adorno. O seu simbolismo varia de acordo com o seu nível. Pode ser uma criança, o velho sábio, um deus sacrificado, o sol, o logos. No cristianismo é denominado de centro cristológico, filho de Deus, Caminho. É, sem dúvida, o arquétipo da maturidade psíquica que confere a possibilidade de ressurgir dos mortos (ego) para a vida eterna e que está além desse mundo. Junto com o Caridoso e o Guerreiro/Destruidor formam a alma individualizada. Despertar para este nível de consciência não é um acto da natureza. Requer coragem e honestidade. Por isso, um dos seus símbolos é um deus sacrificado. Torna-se necessário renunciar aos apelos e fascínios do ego (esse mundo) para que a mente superior seja alcançada. Osho dizia que a consciência se inicia com a humanidade; porém, conquistá-la é mérito de cada um. Outro dito, escrito no Talmude, é que muitas pessoas passam pelo mundo sem entrar nele. O que implica que sobreviver apenas das identificações do ego não basta para encontrar o reino. Ser biologicamente humano não lhe confere maturidade, mas apenas a sua possibilidade. O Si-mesmo, tal como é denominado na psicologia junguiana pode ser desperto, mas é preciso retirar as máscaras e as projecções. É preciso que o ego permita que o sol ilumine as trevas do inconsciente. O Redentor implica em redimir os desequilíbrios e ajustar o ego ao Si-mesmo. Não é por acaso que a palavra pecado significa errar o alvo, estar em desarmonia com o ser total. Vale a pena salientar que, de um modo geral, as religiões instituídas apenas trabalham para o fortalecimento do ego, resistindo e inibindo o florescimento da verdadeira religiosidade, que não vem dos livros nem da autoridade sacerdotal, mas sim do cultivo da alma e cujo caminho é a voz do coração.

## O CARIDOSO: A GENEROSIDADE DA ALMA

### PARÁBOLA DO BOM SAMARITANO

“Um homem, doutor da lei dos judeus, para tentar confundir a Jesus, perguntou como ele poderia conseguir a vida eterna. O que está escrito na lei? Perguntou Jesus. Amar a Deus com todo o meu coração, e amar ao próximo como a mim mesmo, respondeu o homem. Certo, disse Jesus. Este é o caminho para a vida eterna. Mas quem é o meu próximo? Perguntou o doutor da lei. E Jesus contou-lhe esta parábola:

“Um dia um homem descia de Jerusalém para Jericó. De repente, surgiram assaltantes por detrás das pedras. Eles o atacaram, saquearam, bateram nele e foram embora, deixando o homem quase morto, sob um sol muito forte”.

Um sacerdote passou pela estrada, e atravessou rapidamente para o outro lado da rua, sem ajudá-lo. Em seguida passou um levita, que deu uma olhada no corpo e saiu rapidamente. Por fim apareceu um samaritano. Vendo a pobre vítima naquele estado, ajoelhou-se ao lado do homem, limpou seus ferimentos com óleo e vinho e o enfaixou. Colocou em sua própria montaria, levando-o para uma hospedaria, onde ficou cuidando dele. No dia seguinte, pediu ao dono da hospedaria para cuidar do ferido até que se recuperasse e pudesse partir. Pagou a ele duas moedas de prata pelo seu trabalho e disse: se gastares mais, te pagarei quando regressar”. Então Jesus perguntou ao doutor da lei: Qual das três pessoas tratou o ferido como seu próximo? Aquele que cuidou dele, respondeu o doutor. E Jesus então disse: Vá e faça o mesmo “.

(LC. 10.25-37).

O arquétipo do Caridoso, cuja representação é de um rei misericordioso, é a expressão do amor universal, da entrega incondicional, da doação sem troca. Nesse nível de maturidade, os sentimentos são de outra ordem. Enquanto que os amantes explodem nos impulsos, o amor na dimensão do caridoso é brando, desinteressado, maduro, pois requer que o indivíduo tenha conhecimento de sua própria alma para penetrar na alma do mundo. Francisco de Assis, Chico Xavier, Madre Teresa de Calcutá, Gandhi, Jesus, representam esse amor

incondicional. O lado sombrio do caridoso é exactamente dar com intenção de receber algo em troca, para preencher o vazio que este mundo não pode proporcionar. Somente o amor neste nível é capaz de transformar a humanidade. Foi com muita sabedoria que o mestre Jesus disse: “amai-vos uns aos outros”. Esse é o reino da verdadeira misericórdia.

Conta-se uma história de um homem que sai para procurar trabalho pelas fazendas das imediações. Numa delas havia dois irmãos que eram proprietários de fazendas vizinhas. Um dia lutaram e resolveram separar-se. O buscador de trabalhos passou pela fazenda do mais velho e o homem disse-lhe que o seu trabalho consistia em construir um muro que separasse definitivamente a fazenda do seu irmão mais novo, e contou a sua história. Deixou o trabalhador e viajou. Ao retornar, e para surpresa sua, ao invés de um muro encontrou construída uma ponte que ligava as duas fazendas. Reconheceu que o trabalho era extraordinário, mas pretendia despedir o trabalhador uma vez que a sua ordem não foi cumprida e que, sabendo da sua história, ele não poderia ter construído a ponte. De repente, no final da ponte surgiu o seu irmão mais novo, radiante e de braços abertos para ele. Agradeceu a ponte, pois jamais imaginara que, apesar das brigas, estava a ser perdoado e agraciado com tanta generosidade. Os dois abraçaram-se e reconciliaram-se. Pediram ao trabalhador que ficasse nas suas terras, pois lá haveria sempre trabalho para ele. Então o trabalhador respondeu: “preciso ir para outros lugares e construir outras pontes”. Então é isso que devemos fazer. Construir pontes ao invés de muros.

## **DESTRUIDOR: O VENCEDOR DE DEMANDAS**

Provavelmente o arquétipo do Destruidor é o mais incompreendido do ponto de vista do ego. Normalmente, associamos a destruição como algo ruim, que vem das forças maléficas. No entanto, o universo é constituído de leis fundamentais, e construção e destruição fazem parte integrante do cosmo. Destruir o velho, o que não serve mais ou o que inibe o caminho da alma, é tarefa do destruidor, embora o ego deseje o imediato. Se o Destruidor está a serviço do Si-mesmo,

não importa o que temos de sofrer, o principal é o que temos de aprender, perdendo. Quantas vezes, uma doença grave pode levar-nos ao caminho da alma. Outras vezes, a perda do emprego ou de um ente querido, é uma outra forma de nos pôr em contacto com o amadurecimento. O Filme “*Minha Vida*” - drama dirigido por Bruce Joel Rubin em 1993 - é um típico exemplo da actuação do Destruidor. Um homem bem sucedido financeiramente é acometido de um tumor maligno, diagnosticado no período em que a sua esposa estava à espera de um filho seu. Com a ajuda de um curandeiro, a quem por princípio não dava muita credibilidade por não se tratar da medicina convencional, acabou por fazer o percurso do inconsciente no sentido de resgatar a sua família e a raiva que lá estava plantada. A sua doença fez com que despertasse para a espiritualidade, como também encarrasse os seus medos e ressentimentos. O arquétipo do Destruidor não trabalha para o ego, mas para a evolução da alma. A morte não significa nada diante do infinito. E nós, que associamos a morte a nossa pior maldição, geralmente não percebemos o que ela pode significar para a alma. O Destruidor põe-nos em contacto com a realidade do mundo e da nossa dimensão interior. Caso não escutemos a voz da consciência, o ego também poderá ser aniquilado, para que haja um novo começo.

## **O SÁBIO: A CONSCIÊNCIA DESPERTA**

*“Jesus disse:” Quando fizerdes de dois um e quando fizerdes o interno tal qual o externo e o externo tal qual o interno, e o de cima tal qual o de baixo, e quando tornardes o homem e a mulher um só, de tal forma, que o homem não seja homem e a mulher não seja mulher, quando dispuserdes olhos no lugar de olhos e a mão no lugar da mão, e o pé no lugar do pé, uma imagem no lugar de uma imagem, aí, então, entrareis no Reino”*

(Evangelho de Tomé).

A palavra Buda significa “consciência desperta” ou “iluminada”. Para os cristãos gnósticos, Sophia simbolizava a sabedoria que, como um dos seus atributos, pode ser identificada com a capacidade para discernir.

Normalmente, o ego age por necessidades e impulsos oriundos do corpo e da demanda social e cultural. Repetimos os padrões sociais e genéticos em forma de comportamento e, de um modo geral, não nos damos conta desses fenômenos. Esse tipo de discernimento não tem nada a ver com grau de instrução, mais sim com graus de compreensão. Buda, sendo um príncipe do mundo, teve que renunciar a tudo para desnudar-se dos sentidos carnis e materiais, para ir de encontro à verdade. Enquanto estivermos presos na roupagem de nossas identificações, estaremos sendo escravizados aos padrões da burocracia social. O Sábio, tem esse discernimento e, sem dúvida, poderá fazer uso dos recursos materiais que dispõe; no entanto, não será escravo, mas senhor. Somente quando atingir este ponto será capaz de viver em harmonia e compreender o outro. São atribuídas a Jesus, palavras como “*busca a verdade e ela vos libertará*”. Então, podemos fazer verdadeiramente as escolhas da alma.

## **O CRIADOR: O ARTISTA CRIATIVO**

Não está escrito na vossa lei:

“Eu disse: vós sois deuses?”

(João 10,34)

O criador é geralmente denominado o doador da forma, o criador de formas, aquele que dá inspiração, concretiza uma obra, como um poema, música, escultura, pintura. Todavia, quando amadurecido pelo arquétipo do sábio, o criador toca a alma para a sua capacidade de sensibilizar o indivíduo para a sua natureza criadora. Ou seja, não somos simplesmente produtos de padrões genéticos e sócio-culturais, somos a imagem e semelhança do universo e podemos criar se estamos inteiros e determinados. De um modo geral, o homem já tem demonstrado tal capacidade para criar. Inventou o avião, telefone, rádio, computador, televisão, a clonagem e tantas outras invenções magníficas. Todavia, a criação é como a arte: necessita da inspiração da alma para que a obra possa ser contemplada, para além dos horizontes materiais e tecnológicos. Nem só de pão vive o homem e a criação

precisa atingir os níveis da personalidade humana. A palavra criadora possui qualidades divinas. Deus criou o mundo com a palavra, o logos criador. Essa é a função do verdadeiro artista: fazer da matéria cósmica a matéria prima para que as formas possam ganhar sentido e significado existencial.

## O MAGO: O CONHECEDOR DO VISÍVEL E DO OCULTO

*“Jesus Anda Sobre O Mar. logo a seguir, compeliu Jesus os discípulos e passar adiante dele para o outro lado, Enquanto ele despedia as multidões. E, despedidas as multidões, subiu ao monte, a fim de orar sozinho. Em caindo a tarde, lá, estava ele só. Entretanto o barco já estava longe, a muitos estádios da terra açoitado pelas ondas; porque o vento era contrário. Na quarta vigília da noite, foi Jesus ter com eles, andando sobre o mar. E os discípulos, ao verem-no andando sobre as águas, ficaram aterrados e exclamaram: é um fantasma! E, tomados de medo, gritaram. Mas Jesus imediatamente lhes falou: Tende bom ânimo! Sou eu. Não temais! Respondendo-lhe Pedro, disse: Se és tu, Senhor, manda-me ir ter contigo, por sobre as águas. E ele disse: Vem! E Pedro, descendo do barco, andou por sobre as águas e foi ter com Jesus. Reparando, porém na força do vento, teve medo; e, começando a submergir, Gritou: salva-me Senhor! E, prontamente Jesus estendendo a mão, tomou-o e lhe disse: Homem de pequena fé, porque duvidaste? Subindo ambos para o barco, cessou o vento. E os que estavam no barco o adoraram, dizendo: Verdadeiramente és o filho de Deus!*

(Mc,6: 22-33)

O Arquétipo do Mago, representa a sabedoria no conhecimento ao operacionalizar o universo manifesto com o plano invisível. O Mago conota propriamente a bio-energia sem forma, pronta a ser utilizada. A carta do Tarôt simboliza a sacerdotisa, o que implica que a sabedoria é feminina, pois trata de um terreno puramente intuitivo. O indivíduo maduro é capaz de ouvir a voz da sua consciência mais profunda. No plano das manifestações, isso significa o contacto directo com o mundo espiritual. Neste sentido, a fé nem é cega nem racional, pois

vem das profundezas do espírito. A palavra dita pelo mago sábio é verdadeira acção, e o seu valor encontra-se muito além do meramente convencional ou do signo. O valor que se atribui ao mago é o domínio completo do simbólico, com aplicação na dimensão do quotidiano. Aqui, encontra-se a base para toda criação. Enquanto o artista manuseia com as formações energéticas, o mago intui antes que elas se tornem inspiradoras. Neste campo, também estão incluídos os denominados fenómenos paranormais, que não são mais do que uma abertura para o portal do espírito. Ou seja, do transpessoal, da centelha divina que existe em cada um de nós. O arquétipo do mago é portal para o homem penetrar no mundo oculto, pois ele, carrega o ceptro do poder da transmutação. O homem natural, que vive a existência, apenas para preencher suas necessidades básicas, não tem a menor ideia do que é sentir o verdadeiro poder sobre o céu e a terra.

## **O PURO DE CORAÇÃO: OS MANSOS HERDARÃO O REINO**

*“Jesus viu criancinhas que estavam sendo amamentadas. Disse aos seus discípulos: Essas criancinhas que estão sendo amamentadas são semelhantes àqueles que entrarão no Reino. Disseram-lhe: poderemos então, como crianças, entrar no reino? Jesus disse-lhes:”* **Quando fizerdes de dois um e quando fizerdes o interno tal qual o externo e o externo tal qual o interno, e o de cima tal qual o de baixo, e quando tornardes o homem e a mulher em um só, de tal forma que o homem não seja homem e a mulher não seja mulher, quando dispuserdes olhos no lugar de olhos e a mão no lugar da mão, o pé no lugar do pé, uma imagem no lugar de uma imagem, aí então, entrareis no Reino”** *(Evangelho de Tomé)*

Carol Pearson, na sua terminologia, denomina este arquétipo de o “Bobo”. No entanto, em português, *puro de coração*, expressa melhor o que desejamos passar. Trata-se na verdade, do arquétipo do Inocente, que vivenciou todas as etapas do desenvolvimento humano e tornou-se livre dos grilhões sociais, dos medos e das projecções. Puro, é

sem a malícia que, de um modo geral a vida impõe à maioria das pessoas. O Puro de Coração é manso e herdará não somente a terra, mas também as esferas espirituais. Nas lendas, normalmente é o “tolo” que consegue as proezas disputadas pelos interessados no poder.

O Puro de Coração, representa a comunhão com o céu, a experiência mística em toda a sua profundidade e essência. Na Cabala, os mestres denominam este estado de *respeito*, posto que, somente os que sabem reverenciar o divino são capazes da participação mística.

Do ponto de vista, cronológico, a velhice e a morte representam o grau de Puro de coração. De certo modo, o idoso pode tornar-se criança em espírito e, compreendendo as experiências da vida, pode viver a morte sem problemas.

Neste ponto, não é mais preciso o intermediário: símbolos, mitos, rituais deixam de ser pontes, uma vez que a experiência espiritual é directa e profundamente transformadora. Estamos no puro reino espiritual, que corresponde à percepção pura, a consciência desperta e transcendente. Esse é o ponto que culmina com a realização da totalidade do Ser e do novo papel da Psicanálise.

## **A PSICANÁLISE INTEGRAL E SEUS MÉTODOS**

A Psicanálise tradicional vêm-se dedicando há décadas ao trabalho de ler nos sintomas as formações do inconsciente, cujo desejo é o ponto nodal. Para nós, é preciso ampliar tal perspectiva rumo à transcendência do próprio desejo, que, em última instância, barra a realização total do Ser. Os Contos, os Mitos, os Rituais Simbólicos e os sonhos precisam ampliar os horizontes de interpretação, que são apresentados aos indivíduos. A palavra, com o auxílio, por exemplo, do sistema cabalístico (tema para outro artigo) pode levar o sujeito experienciar outras dimensões da personalidade humana. A palavra de passe pode ser perfeitamente buscada no âmbito da psicoterapia psicanalítica. O que muda basicamente é o olhar do psicanalista e do “buscador”, que está para além da compreensão das denominadas neuroses.

Assim, temos a Psicanálise Integral que fundamente procura o Ser na sua totalidade, e utiliza métodos e técnicas para que esse Ser pos-

sa atingir o grau do desperto, que está para além das amarras dos sintomas e dos condicionamentos sociais. Somente poderá haver transformação individual e social, quando a comunidade for capaz de reconhecer experimentalmente as dimensões e os potenciais que espelhamos, e somos espelhados no coração do universo na sua infinitude plena.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADLER, Alfred. *El Sentido de la Vida*. Barcelona: Luis Maracle\_Editor. 1951.
- BOFF, Leonardo. *Saber Cuidar: Ética do Humano*. 4 edição. Petrópolis. Editora
- CAMPBELL, Joseph. *Para Viver OS Mitos*. São Paulo: Cultrix. 1999
- DAMÁSIO, António R. *O sentimento de si*. Lisboa: Publicações Europa-América. 2002.
- HEINBERG, Richard. *Memórias e Visões do Paraíso*. São Paulo: Campus. 1991.
- LINS, Luciano. *O Mito do Significado no contexto da Religiosidade numa Narrativa Autobiográfica: Reflexões para uma Pedagogia da Individuação*. Olin-da: Livrorápido. 2006.
- PEARSON, Carol S. *O Despertar do Herói Interior*. São Paulo. Pensamento. 1995.
- JUNG, C. G. e Jung, Ema. *A Lenda do Graal*. Editora Cultrix. São Paulo-SP. 1995.
- WHITE, Joahn. *O Mais elevado Estado da Consciência*. São Paulo: Cultrix/Pensamento. 1998.